mocidade
portuguesa
feminina
San Payo
Lisboa

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Editora Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla 4 a 10 — Lisboa

N.º 37
MAIO 1942

BOLETIM MENSAL
ASSINATURA AO ANO 12$00
PREÇO AVULSO 1$00

SUMÁRIO

SÍMBOLOS DE FÉ: por tôda a terra portuguesa se erguem cruzeiros e capelas dedicadas a Nossa Senhora

Foto: RAUL R. VENTURA

Foto: SAN PAYO

UM GRANDE PROGRAMA EM TRÊS PALAVRAS

FOI Pio XI quem dirigiu às RAPARIGAS estas três palavras, resumo de um grande programa: — sêde angelicamente puras, eucaristicamente ferverosas, ardentemente apostólicas.

Angelicamente puras. *Puras como os anjos. Deixai crescer no vaso frágil do vosso coração o lírio imaculado da virtude. Dos vossos corpos, fazei cristalinos tabernáculos da Divindade.*

Pois não sabeis que no Baptismo recebestes o Dom da Vida Divina? O Apóstolo S. Paulo não se arreceava de dizer fortemente que o cristão (que não matou, pelo pecado, Deus em si) é um templo de Deus.

O cristão na graça de Deus leva em si o Deus vivo. Quando vós passais, se vos mantendes na graça de Deus, — tôdas as criaturas deviam ajoelhar perante vós, porque, onde quer que passeis, vai erguido um trono do Deus Altíssimo!

Eucaristicamente ferverosas. *Alimentai na Eucaristia, «fornalha ardente de amor», a vossa vida divina. Ide aí buscar, não uma palavra mentirosa, mas o amor verdadeiro.*

Vós não quereis matar esta vossa sêde infinita de amor e felicidade, enchendo o coração de bagatelas. Dai-lhe na Comunhão um Coração Vivo, — o mais belo e nobre e puro e amante que jamais bateu num peito humano — o Coração Divino d'Aquêle que é chamado o Amor Formoso.

E' a Liturgia que assim nos ensina a chamá-lo, quando saúda a Virgem Imaculada, a Mãe do Amor Formoso. A religião cristã é a religião do Belo Amor.

Ardentemente apostólicas. *Continuai a crer e a amar a Nosso Senhor Jesus Cristo — que é a Luz do Mundo e o Amor Formoso — e a proclamá-lo bem alto, com a vossa palavra e o vosso exemplo, tão alto que tôdas as raparigas vos oiçam.*

A Liturgia desta quadra pascal recorda-vos a aparição de Jesus à Madalena, que fez dela a apóstola dos Apóstolos: «eu vi o Senhor»!

O Senhor também vos apareceu a vós, que crêdes n'Êle e O amais. A Fé e o Amor ao Senhor são uma revelação d'Êle à alma. Como a Madalena, também podeis dizer que vistes o Senhor.

Dizei-o bem alto! E' a grande novidade que tendes a anunciar ao mundo. O Senhor é a Verdade, a Paz, o Bem, a Beleza por que êle anseia.

+ M. Card. Patriarca

NOSSA SENHORA DE PORTUGAL

...é Nossa Senhora de Fátima

E é ver — é ver como são dela, por aí além, altares e nichos e andores.

Nossa Senhora de Fátima. *E' ver como Ela anda em todo o peito de português e nas rezas de tôda a gente...*

Nossa Senhora de Fátima.

Como a cantam as almas na procissão que dura desde sempre — a procissão de fé portuguesa: gente da arraia miuda e da aristocracia...

Nossa Senhora de Fátima.

Círios e candelabros — velas a arder, flores — as flores de Portugal: mil velas em cada oratório e azeite nas candeias e flores... flores... flores...

Nossa Senhora de Fátima.

Aquela Senhora no seu geito meigo, meigamente dobrada sôbre os olhos que lhe resam e os corações que a chamam — cada português a esperar e a chorar a ladaínha longa das dores e súplicas humanas — Aquela Senhora vestida de tule e arminhos...

Nossa Senhora de Fátima.

Aquela boa Senhora — que falou aos pastorinhos, sôbre a azinheira, à hora do sol a pino, lá para as bandas da Cova da Iria.

Nossa Senhora de Fátima.

. . . .

Vão agora a dobrar os vinte e cinco anos: foi hora má que a Senhora descida de lá dos lados do céu, disse a sua fala à nossa Terra.

Fala de Deus. Fala de Deus.

E avisou. E repreendeu. E pediu. E aconselhou.

Nossa Senhora de Portugal.

Pecados de Portugal; traições e infidelidades de Portugal...

Por nossa culpa — por nossa tão grande culpa — todos faltamos! — anda em pecado mortal a Terra de Santa Maria...

Nossa Senhora de Portugal.

E não veio a Senhora poisar seus pés na montanha agreste da serra de Aire senão para acordar a alma nacional e adverti-la e chamá-la de novo ao caminho antigo que trilharam os nossos de antanho: velha fé sempre nova e sempre renovadora: oitocentos anos ao serviço de Deus e da sua Lei.

Nossa Senhora de Portugal.

* * *

Vinte e cinco anos depois...

Mal vai arrependida a Pátria dos seus pecados mortais...

Mal vai arrependida.

O' Mocidade!

Põe-te ao serviço da Virgem que visitou a nossa Casa Lusitana na sala maior da Serra de Aire...

Sêde donzelas de honra da Senhora dos Altos Céus e da nossa Terra...

Padroeira e Madrinha.

O' Mocidade feminina:

espadas e bandeiras, cruzes e altares...

tôda a vossa graça e pureza, tôda a vossa esperança... os vossos peitos cheios — e os vossos corações cheios... e vá de erguer em cada alma de rapariga uma tribuna alta: flores e lumes: graça e paz de Deus:

à Senhora de Portugal...

Nossa Senhora de Fátima

G. A.

SEDE PURAS DE CORPO, ALMA E CORAÇÃO... E FAZEI O QUE QUIZERDES

A beleza mais fina, mais delicada, mais arrebatadora da terra reside na jovem que guarda a pureza como o seu melhor tesouro. E' tal o seu encanto que enleva a alma e o coração.

A juventude pura lembra os campos floridos da primavera, cuja aragem impregnada do mais suave perfume, chega até nós deliciando-nos. E não é só a terra que a juventude pura conquista para a vida, arrebata o próprio céu.

Quiz Deus baixar à terra e para mãe escolheu Maria, a mais pura das virgens.

Uma geração casta, diz Salomão, é querida de Deus e dos homens.

Raparigas de Portugal, aspirais a manter a paz de milagre na nossa terra?

Apaixonai-vos pela pureza e dareis a Portugal e ao mundo a mais frutuosa lição.

O próprio vício não pode deixar de render homenagem à pureza. Uma rapariga pura não é alvo das lisonjas que os jovens libertinos dispensam com profusão, mas gera o respeito e a estima à sua volta, suscita o amor profundo que não vacila nem oscila.

Jean du Plessis, jovem aviador francês de grande valor e talento, desejava encontrar na sua noiva uma natureza pronta a sacrificar-se pelo seu dever; a vida do aviador exige sacrifício e êle não queria ver nela uma alegria fictícia, que a mais leve contrariedade fizesse esmorecer. Pois êsse culto ardente do dever é património das almas puras, a pureza é escola de sacrifício.

Em Holywood os casamentos e divórcios sucedem-se ininterruptamente; amor de cinema, amor de superfície, que nunca lança raízes até ao fundo do coração. E' amor catavento que não produz a felicidade familiar. Tudo se resume na lisonja, na mentira, na paixão de momento a preludiar a indiferença, o fastio, o aborrecimento às vezes o ódio e até a morte. A morte ronda na escuridão em volta da juventude impura.

Uma rapariga que cultiva a pureza no seu corpo, no seu trajar correcto e distinto, nas suas maneiras cuja naturalidade corrige a timidez excessiva e põe um dique à desenvoltura de palavras e de atitudes, uma rapariga que se forma de dentro para fora, alinhando a alma e o coração e não de fora para dentro favorecendo a hipocrisia, é uma alma que irradia luz e conquista todos os corações.

O lírio na sua alvura impecável é símbolo da pureza. Os vossos compendios de física ensinam que o branco irradia e o preto, ao contrário, tudo absorve, tudo consome, tudo chama a si. A lirial pureza é vida, a suja impureza é morte. A pureza é alegria franca; a impureza pode ser algazarra, prólogo de abatimento e tristeza.

Entrai em vós mesmas... para colher o vosso próprio testemunho: não tendes mais alegria e paz nos dias que sois mais puras, em que dominais o vosso coração ou vencereis o respeito humano? E não ficais mais tristes quando abdicais ou transigis com o espírito mundano ou chegais à beira do mal? Sêde puras e assegurareis o futuro de Portugal preparando na pessoa de vossos filhos herois e santos. Sêde puras para espalhar a núvem de tristeza que vela o olhar suave da Virgem de Fátima. Ela conta com a M. P. para suspender a divina justiça irritada com as baixezas e ignomínias que abundam também na nossa terra. Sêde puras e salvareis a paz em Portugal, apressareis a paz no mundo. Sêde puras... e fazei o que quizerdes.

Mary Farbes

«O lírio na sua alvura impecável é símbolo de pureza»

(Cliché MANFREDO)

«ANUNCIAÇÃO» (Museu das Janelas Verdes)
Mestre de Santos-o-Novo

«CASAMENTO DA VIRGEM» (Museu das Janelas Verdes)
Mestre do Paraíso

A VIRGEM MARIA

A Sagrada Escritura compara a Virgem Maria à luz — e acha-a ainda mais pura!

Concebida sem pecado, «Deus protegeu-a desde a manhã, ainda antes do levantar da aurora», e o Espírito Santo, enchendo-a de graça, tornou-a tão bela, que depois do momento em que Deus criou a luz, nunca mais houve momento igual àquele em que do amor do eterno surgiu a Imaculada!

Bendito foi o dia em que Aquela, que no pensamento de Deus sempre existira, nasceu para o mundo, em Nazaré da Galileia, filha de Ana e Joaquim — com ela nasceu para os homens a esperança!

«O nascimento da Virgem Maria anunciou a alegria ao mundo inteiro: porque dela nasceu o Sol de justiça, o Cristo, nosso Deus!»

Menina predestinada para grandes destinos, vêmo-la aos 3 anos subir a escada do Templo, para se consagrar ao Senhor — Ela que era o próprio «Templo de Deus, o santuário do Espírito Santo»!

E à sombra do Templo foi crescendo, mas conservando-se, na sua humildade, tão pequenina, que só ela agradou ao Altíssimo.

A sua pureza é confiada à guarda de S. José, que a recebe por esposa em místicos esponsais.

Assim o Senhor quis salvaguardar a sua dignidade de Mãe sem que perdesse a pureza virginal.

Um dia desce do céu um Anjo com uma mensagem divina: *«Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco!»*.

Lírio em botão, cai sôbre ela o orvalho celeste e a flor abre-se: *«Faça-se em mim segundo a vossa palavra!»*

A Virgem Maria será Mãe de Deus — assim lho anuncia o Anjo do Senhor! Mistério de graça: a haste de Jessé vai florir!

«Virgem Santa e Imaculada, com que louvores poderemos exaltar-vos?! Trouxestes no vosso seio Aquele que os céus não podem conter».

Na sua humilde casa da Nazaré, Maria espera, num silêncio de adoração, Aquele que lhe foi prometido — o seu Filho e seu Deus!

Mas eis que um édito, que ordena o recenseamento de tôda a população, a obriga a sair do seu lar para ir com José à cidade de Belém.

Cai a noite... José bate a tôdas as portas procurando abrigo; mas «não há lugar» para Aquela por quem veio a salvação ao mundo!

Recolhem-se numa pobre choupana nos arredores da cidade, onde já se encontram um burro e uma vaca, e é ali, que no dia 25 de Dezembro, à meia noite, nasce Jesus!

Faz tanto frio! A pobreza é tamanha! Maria sorri — feliz! Aquele Menino que lhe foi dado é tôda a sua alegria.

Maria sorri... E o seu sorriso alarga-se acolhedor para os pastores e os magos.

«NASCIMENTO DA VIRGEM»

«FUGA PARA O EGIPTO» (Museu das Janelas Verdes

Mestre do Paraiso

«MORTE DA VIRGEM»

O sorriso de Maria! ai, se êle jàmais se apagasse, é que a terra teria voltado a ser o paraizo!

Mas para que o Paraizo perdido volte, é preciso que aquele Menino se torne o «Homem das dôres» e ela, a Mãe, tenha o coração trespassado por uma espada: assim lho profetisa o velho Simeão.

Simeão pôde fechar em paz os seus olhos que viram a Luz! No coração da Mãe de Jesus começa a descer a noite...

Como se desvanece depressa o sorriso de Maria! Em breve a morte procura o seu Menino, é preciso esconder-lho, fugir!

Avisado por um Anjo, José toma o Menino e sua Mãe e foge para o Egipto através do deserto, persegue-os o eco da dor doutras mães, que «não querem ser consoladas, porque os seus filhos já não existem!»

Passado o perigo, depois da morte de Herodes, regressam a Nazaré, e a vida seria doce, se negros pensamentos não obscurecessem a sua alegria — como certas asas negras apagam a luz ...

A profecia do velho Simeão evoca constantemente no espírito de Maria a Paixão daquele Menino que ela agora aperta nos seus braços e um dia há-de ser pregado sôbre os braços duma cruz...

Mas o viver na casa de Nazarè, apesar de tão negros pressentimentos», é doce. Jesus trabalha, ajudando a José; o seu suor corre, antes de correr o seu Sangue, e o pêso do seu trabalho também serve de redenção para o mundo!

«Perto do Menino está sua terna Mãe; perto do esposo, a esposa dedicada; feliz por poder aliviar as suas penas e as suas fadigas pelos seus cuidados afectuosos» (assim canta a St.ª Igreja).

Trinta anos... Trinta anos passam — tão breves neste viver de amor — tão longos no temor do dia em que tudo acabará!

E tudo acaba, vertiginosamente: é a prisão de Jesus, as notícias que chegam a Maria dos sofrimentos e das humilhações porque fazem passar o seu Filho... O encontro no Caminho do Calvário...

A longa estação, em pé, junto à cruz...

A sua soledade sem consolação...

«Olhai e vêde se há uma dor semelhante à minha dor!» Não, não existe dor igual à da Mãe dolorosa: essa dor é grande como o mar, e como as águas do mar são salgadas as suas lágrimas!

Mas se na terra todo o sorriso se apaga breve, também a fonte de tôdas as lágrimas se seca...

Chega o dia, sem ocaso, em que Maria adormece no Senhor... Os Anjos vêem buscá-la e levam-na em triunfo!

O seu Filho senta-a ao seu lado sôbre o trono de estrêlas em que reina eternamente!

«Tôdas as gerações me aclamarão bemaventurada!»

«E os Anjos, na sua alegria, louvam e bendizem o Senhor!»

COCCINELLE

«ASSUNÇÃO DA VIRGEM»

Mestre do Retábulo de Setúbal

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Fátima

Fátima — Maio florido e alegre — tudo bendiz ao Senhor na terra portuguesa.

É para ti, neste momento, ó Virgem do Rosário, a nossa prece fervorosa, unida à doação que te fazemos de tôda a nossa vida.

Pedimos-te que abençoes a nossa juventude, que nos ajudes a fortalecer o nosso Ideal e a bem realizar a nossa missão de filhas, de estudantes, de futuras mães — de católicas.

Queremos que as nossas almas tenham a brancura imaculada da açucena e que, tôda a nossa vida, seja um pouco daquela que feita de Simplicidade, de Renúncia, de Fidelidade e de Amor, levaste em Nazaré.

Alcança-nos do Céu a grande graça de bem compreendermos a nossa alta dignidade Cristã, para que possamos sempre viver em pureza de sentimentos e de acções.

Sob a tua protecção de Mãe, com a cabeça erguida, olhos no Alto, nós iremos firmes e corajosas, à conquista daquele Ideal nobre que nos propuzemos, lutando contra nós mesmas, até nos conquistarmos para Jesus.

Contamos contigo, Virgem de Fátima, contamos com as tuas inspirações e exemplo, para podermos realizar esta grande ambição de sermos:

«Uma mentalidade nova, que há-de ressurgir Portugal».

Maria Helena de Oliveira e Sousa
Centre 65 — GRADUADA

Maria

Mulher eis aí o teu filho...

Consumava-se o maior gesto da Humanidade... Cristo, numa redenção de amor, derramava o seu Sangue até à última gôta na tortura da Cruz...

E no Gólgota, como num último geito de ternura, quando de braços estendidos agonizava, Cristo disse: Mulher eis aí o teu filho...

E Maria compreendeu...

. . . .

Derruem impérios, apagam-se na poeira da história nomes gloriosos de sábios e conquistadores, mas o nome de Maria não morre...

Maria vive eternamente no coração do povo que em rezas humildes lhe tece louvores de glória.

Maria vive na angústia dos arrependidos que com confiança lhe chamam refúgio dos pecadores.

Maria vive na dor dos enfermos que no seu sofrimento se refugiam em seu coração.

Maria vive na paz dos justas que cantam seu nome.
Maria vive na alegria dos santos.
Maria vive no martírio dos heróis.

Maria vive eternamente no coração dos que lutam, dos que sofrem, dos que vão até ao sangue pelos caminhos rudes do heroísmo e da Santidade.

Maria — lírio de pureza.
Maria — estrêla matutina.
Maria — rainha das Dores.
Maria — rainha dos Mártires.

E o nome de Maria — melodia de amor e simplicidade, de heroísmo e pureza — ecoou ternamente.

— Mulher eis aí o teu filho... Filho eis aí tua Mãi...

. . . .

Maria, prostradas a teu pés, olhos nos olhos, te pedimos que continues a ser nossa Mãe.

Maria — refúgio dos pecadores, tem compaixão dos que sofrem.

Maria — consoladora dos aflitos, vem em nosso auxílio.

Maria — Rainha da Paz salva-nos e salva Portugal.

Universitária (Tojo)

Nossa Senhora e Portugal

Senhora da Conceição, Senhora da Fátima, Senhora do Sàmeiro!

De Portugal — norte a sul — anda o teu nome murmurado como prece de amor, bôca em bôca, coração em coração!

É sob o teu olhar, tão doce, embala a nossa esperança sonhos lindos de milagre, espreitando as núvens negras que se acastelam pertinho do nosso horizonte ainda luminoso e calmo pela fôrça do teu sorriso...

É bem uma realidade o teu padroado, e a tradição que canta a Advogada de Afonso, o Conquistador, a Senhora das Descobertas, a Santa Maria de Nuno Condestável, a Padroeira da Restauração, é tradição real e viva que a poeira da história não envelhece e o rolar dos séculos não apaga — e o teu culto persiste, sempre jóvem e sempre belo, porque o teu manto imenso e azul como o céu, continua a envolver a nossa terra.

Portugal, queres viver? Olha o céu e reza à Virgem!

Mocidade, queres salvar Portugal?

Faze-te pagem da Virgem, sagra o teu corpo e a tua alma ao serviço da bandeira branca da pureza, da paz, da lealdade!

Arma-te cavaleiro, e luta com denodo por tua dama no torneio — o da vida, contra todo o mal, pelo trofeu da virtude.

É assim, ó Mocidade de hoje, Mocidade cristã e portuguesa, que hás-de ajudar a Virgem a salvar Portugal!

Vai longe o tempo da monarquia...

Contudo, a pátria mantém uma realeza, e no trono da sua Fé, canta louvores de honra e preitos de amor à Excelsa Rainha que o abençoa — Maria, Rainha do Céu, Rainha de Portugal...

Maria Manuela Saraiva
Filiada 520 · Centro N.º 1 — VANGUARDISTA

Nossa Senhora vigiava

(CONTO)

Ricardo aprendera desde pequeno a doutrina cristã. Era muito instruído a êsse respeito e gostava de ensinar às duas irmãs mais pequenas alguma coisa que elas não soubessem.

Quando entrou para o liceu Ricardo tornou-se um óptimo camarada e todos gostavam dêle.

Agora já estava no 3.º ano. Havia na sua turma um outro rapazinho da mesma idade; era bom como êle e não estudava menos que êle. Mas andava sempre triste e os seus olhos pareciam estar prontos a chorar.

Miguel, assim se chmava êle, só pensava em estudar, não fazia mais nada. Apesar de ser muito bom e muito bem educado nenhum camarada se entretinha com êle e êle andava sempre só e triste.

Os pais tinham-lhe morrido muito cêdo e êle vivia com o avô, que era um conde muito nobre e muito severo. Dera a Miguel uns professores óptimos e quási sábios, mas não menos severos que êle. Miguel gostava do avô, mas êle não se importava com o neto e por isso o pequenito se sentia só, sem ter ninguém que o ajudasse de vez em quando, sem ter uma única alma que o protegesse; ninguém, e êle era infeliz. E para mais o avô era ateu e êle não sabia uma só palavra de religião e não podia rezar a Deus, o seu único protector.

Ricardo desde que o vira sentira a pena dêle e fôra o primeiro que se condoêra daquela pobre alma. Quiz ensinar-lhe o catecismo, mas como começar? Era preciso primeiro acamaradar-se com êle.

Pediu a nossa Senhora de Fátima, a quem êle tinha muita devoção por já ter miraculado uma irmã, que o ajudasse na aventura que êle ia viver.

Hesitante e receoso aproximou-se do amigo e começou a conversar com êle. A pouco e pouco foi-se-lhe ligando e por fim pediu-lhe que jogasse com êle.

À noite, quando rezou, agradeceu a Nossa Senhora da primeira tentativa ter corrido tão bem.

Continuou todos os dias a jogar com o companheiro e começou a ensinar-lhe catecismo. Miguel ouvia atento o colega e admirava-o, mas nem por isso o seu olhar frio severo e triste se tornava amigável para Ricardo. Já eram muito amigos e quási todos os dias se visitavam.

Uma noite Ricardo antes de dormir rezou como sempre. Mas nessa noite rezava com mais fervor e tinha lá por dentro um não sei quê que o fazia triste. No dia seguinte êle iria visitar o amigo, mas era a última vez porque depois vinham as férias grandes, e Miguel sabia tão pouco que durante as férias esqueceria tudo. E era por isso que Ricardo rezava mais ardentemente do que o costume. Na sua prece dizia a Nossa Senhora:

— «Vou àmanhã a casa do meu colega e é a última vez que o vejo. Aquêle pequeno não tem ninguém que o vigie, e eu graças a Deus ainda tenho pais e família. Senhora, até agora não desanimei na minha tarefa. Já só falta uma lição. Dai-me fôrças e coragem para eu alegrar o meu amigo».

E dizendo isto fechou os olhos e adormeceu.

No dia seguinte foi a casa de Miguel.

Parecia-lhe que qualquer coisa de estranho ia acontecer, mas não sabia o que era.

Bateu à porta e entrou. Dirigiu-se para o quarto do amigo, julgando que êle estava a estudar. Mas ao abrir a porta soltou um grito de espanto. Em vez de estudar, Miguel estava ajoelhado em frente da cama e rezava. Ricardo não se conteve e saltou-lhe ao pescoço. Miguel olhou-o espantado e disse-lhe:

— Admiras-te talvez que eu esteja a rezar; julgavas naturalmente que eu era insensível às tuas observações a meu respeito e que te julgava maçador e tonto de me quereres ensinar coisas que eu não sabia. Pelo contrário, sempre me interessei pelas tuas aulas e sempre admirei a tua boa vontade e a simplicidade com que tu me ensinavas. Sempre te fui grato, embora a minha expressão não to revelasse e os seus agradecimentos não te convencessem. Para alguma coisa me serviu o teu exemplo e o trabalho que tiveste para comigo.

Ricardo não sabia o que pensar. Aquela revelação, aquela prova de que o seu amigo era na realidade seu amigo era para êle uma recompensa muito maior do que qualquer outra.

Ambos se olharam e foi então que Ricardo reparou que o amigo o envolvia num olhar de reconhecimento. Aquêle ar severo e desagradável transformar-se num olhar simples e dôce e os seus lábios mostraram um lindo sorriso, o seu primeiro sorriso.

Mitina
Centro 1 — n.º 30.500 — INFANTA

"Glória a Maria"

Salvé Senhora Nossa, Imaculada
Mãi de Jesus, Bendita Eternidade
Onde viveis na Paz e na Verdade,
Arredia dest'orbe ennevoada.

Perdoai-nos a grande dôr causada
Em voss'alma plena de humanidade
E ofertai com graça e caridade
Ao mundo a Paz por todos cobiçada.

Volvei p'ra nós o vosso olhar bondoso
Vêde em noss'alma eterna devoção
Uma fé orgulhosa, imortal...

Em seguir voss'exemplo virtuoso
Pedindo-vos em simples oração:
Virgem Mãi: Salvai nosso Portugal

VULCÃO
Centro 1 - n.º 225 — LUSA

Nossa Senhora de Fátima em Lisboa

Tive uma grande satisfação com a vinda de Nossa Senhora de Fátima a Lisboa, ou seja à capital, e gostei muito de assistir a esta tão linda e grandiosa festa. Muitos milhares de pessoas a acompanharam à igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde os altares estavam cobertos de verdura e de Flôres. Foi uma procissão como nunca se viu, a que se fez quando Nossa Senhora chegou a 8 de Abril.

Em todo o caminho, nas ruas, nas janelas, nos telhados, nas arvores, enfim por todos os lados, imensa gente aguardava ansiosamente a sua passagem.

Quantas alminhas cristãs não estavam à espera dela, ao pé daquele arco feito com flores, a pedir a Nossa Senhora a paz do mundo! E depois de tantas e tantas festas, a grandiosa procissão das velas.

Agora estamos no mês de Maio, o mês das flôres e de Maria. Para comemorar as bôdas de Prata da vinda da Mãe Santíssima à nossa querida Pátria, êste ano muita gente há-de ir a Fátima pedir a Nossa Senhora a paz para o mundo, e em especial a paz para Portugal. Como não me é possível lá ir também nessa ocasião, hei-de, durante êste mês, rezar todos os dias pela mesma intenção dos peregrinos. Que Nossa Senhora, do seu Santuário da Fátima, aonde regressou no dia 13, nos tenha sob a sua divina guarda.

Ana Maria Domingues Canhão
Lusita, Filiada N.º 25.848 Centro 45

VER NO PROXIMO NUMERO CONCURSO LITERARIO

ACOMPANHÁMOS NOSSA SENHORA

UM grupo de Dirigentes e de Filiadas da M. P. F. foi, no dia 8 de Abril, em duas camionetas, até às Caldas da Rainha, ao encontro da Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Dia de primavera radiosa. A própria natureza parecia convidar Maria a sair do seu santuário para vir conhecer o resto da terra portuguesa, que lhe pertence. «O inverno já passou, a chuva cessou, as flores apareceram sôbre a terra... Vem!»

Um poema de luz. A luz que os pastorinhos viram a envolver Nossa Senhora na Cova da Iria, parecia ter descido sôbre Portugal inteiro! E a nossa terra, que a Virgem Santíssima santificou com a sua presença, era, ela tôda, em trono de flores, à espera d'Aquela que «é do céu»!

Floriam lírios pelas beiras dos caminhos... As árvores dos pomares eram uma só flor gigantesca... Pelos muros, as glicínias pendiam em festões... O perfume dos lilazes chegava até nós... Campos nevados de malmequeres sucediam-se aos campos de oiro dos tremoços floridos... Sôbre as searas verdes e prometedoras sentia-se a bênção de Deus...

A mesma bênção divina descera sôbre as almas, fazendo nelas reflorir a fé, o amor, a paz e a alegria.

A fé que trouxe a tôdas as encruzilhadas a gente humilde do nosso povo, ancioso por ver passar a «Senhora».

A fé que nos povoados favorecidos pela visita de Maria prostou aos pés do seu andor multidões que rezavam, que choravam, que cantavam, que erguiam as mãos suplicantes para Aquela que nos traz consigo todos os bens.

E com que amor se colheram flores dos campos e dos jardins para juncar as estradas, para as colocar aos braçados sôbre o andor e para as atirar desfolhadas, como beijos, sôbre a Imagem bemdita!

Passado o cortejo, o povo corria pelos caminhos, trepava pelas encostas, para da volta duma estrada ou da elevação dum outeiro rever a mancha branca da Imagem que se afastava. Os lenços agitavam-se em despedida e sôbre os montes os moinhos de velas brancas pareciam também dizer adeus!

Mesmo depois de desaparecida a visão — porque bem se pode dizer que Nossa Senhora apareceu neste dia a tôda a gente — as mulheres continuavam de joelhos e os homens de barrête na mão, ainda presos no seu encanto!

E sorriam-nos, a nós que, mais felizes do que êles, acompanhávamos a Senhora... E nós sorriamos-lhes, irmanados todos no amor da nossa Mãe do céu!

Os sinos tocavam. Estalavam foguetes. Era dia de festa — dia santo!

Mas nos campos abandonados trabalhavam os Anjos... Aqui e além, pastores com rebanhos quedavam-se a olhar embevecidos para a linda Senhora que apareceu a três pastorinhos.

Um bando de pombas brancas acompanhou durante momentos Aquela que é também uma Pomba, na linguagem mística do Cântico dos Cânticos.

A passagem por Torres Vedras. A M. P. F. desce das camionetas e acompanha Nossa Senhora, junto ao seu andor

E temos fé que tenha sido uma promessa de paz êste vôo da Pomba celeste sôbre Portugal!

Acompanhámos também Nossa Senhora na procissão das velas. O que foi essa procissão é impossível de descrever!

Jacinta, uma das videntes de Fátima que N. Senhor já levou, gostava de contemplar as estrêlas às quais chamava «candeias dos Anjos».

Se lá do céu lhe foi dado ver a procissão do dia 12 de Abril, deve ter pensado que todos os Anjos tinham descido à terra com as suas candeias acêsas. As ruas de Lisboa eram uma Via-Lactea!

E no meio de todas essas estrêlas, a linda Senhora que apareceu aos pastorinhos tôda feita de luz, como se fôsse uma estrêla também caminhava acompanhada por milhares e milhares de pessoas, desde a Espôsa do Chefe do Estado, que na sua fé se quis irmanar à mais humilde mulher do povo e nesta simplicidade a todos mereceu admiração e ternura, até aos pobrezinhos de quem só Deus conhece o nome!

Avé Maria! Rezava-se o têrço... Cantava-se... E todos recordavam as palavras de Nossa Senhora: para obter o fim da guerra, só Eu lhes poderei valer!

Maria Joana Mendes Leal

Na procissão das velas

Antes o silêncio, de joelhos...

Senhora!

Pediram-me um artigo que falasse de Ti à Mocidade Portuguesa Feminina. Bem quisera poder fazê-lo com altura tanta que mais parecesse um poema.

Porque, em verdade, o Teu nome está acima de tôdas as palavras com que a nossa bôca ou a nossa pena tem por costume dizer a vida que anda em nós. Mas um artigo seria pretensão. E Tu antes queres apenas que a nossa alma se ponha de joelhos a olhar os astros da Tua Auréola e a seguir os caminhos imaculados da Tua ternura.

Falar de Ti é revolver tôdas as coisas grandes da História e evocar tôdas as histórias maravilhosas da Pátria. Não! Não falarei de Ti, mas ao Teu Coração que escuta sempre e não se arreda nunca dos desertos do Tempo em que temos de realizar a nossa peregrinação.

Senhora!

A Mocidade da nossa terra ergue para o Teu peito as mãos limpas de sangue, como lírios ardentes alimentados nas suas raízes pela água das suas colinas eternas.

A Ti confia os segrêdos do seu apostolado, as lutas do seu pensamento, as vitórias do seu esfôrço, as conquistas e glórias do seu entusiasmo. Sabe que, a Teu lado, é mais pura e mais forte, pois a certeza do Teu auxílio faz andar para adiante, aumentando, em cada vôo, o heroísmo de tôdas as asas.

Ensinou-nos Nun'Álvares a trazer-te na lâmina das espadas para que sejam claras como a Justiça e nenhum vento as derrube.

Tu, que és a causa da nossa alegria, és também o penhor imortal das nossas causas.

Só estás longe para os que não conhecem a Tua Mensagem e não esperam de ninguém a salvação do mundo.

Mas nós cremos na Tua Presença e no espírito renovador das tuas promessas. A guerra de inferno que sacode, nesta hora, a floresta das almas, é uma provação dolorosa que aproxima os povos do desespêro. A nós, todavia, não nos fará sucumbir. Sentimos bem, dentro de nós, a trepidação violenta das armas e dos ódios em tempestade. Sentiremos mais ainda que, por cima das nuvens, continuas a ser a grande Aparecida, como Arco-Íris traçado no céu ou coluna de oiro com uma estrêla ao alto.

Há 25 anos que vieste ter connosco. Hoje somos nós que vimos ter Contigo, trazendo-Te a oferenda da nossa mocidade agradecida e o gesto de súplica dos nossos braços levantados.

Senhora! Pedimos para a nossa vida, o Teu manto, o Teu olhar e a Tua bênção! Para a nossa Pátria, a âncora do teu Rosário! Para todo o mundo, a paz de Cristo!

Escrever um artigo sôbre Nossa Senhora?

Para quê?... Antes o silêncio, de joelhos.

Moreira das Neves

Imagem de N.ª Senhora de Fátima da igreja da mesma evocação em Lisboa, por Leopoldo de Almeida

MINIATURAS DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA

QUANDO apareceu pela primeira vez aos pastorinhos na Cova da Iria, Nossa Senhora disse que desejava que êles ali fôssem seis meses seguidos, em cada dia 13...

E prometeu que no fim saberiam quem lhes falava, e o que queria deles. Oferecemos hoje às leitoras da Mocidade Portuguesa Feminina a devota meditação das seis aparições para que no fim a Mãi de Deus possa igualmente revelar-se-nos em absoluto e dizer-nos o que quere de nós.

MAIO

Foi em 1917.

Na luminosa manhã de 13 de Maio três pastorinhos de Aljustrel juntaram-se na serra de Aire guardando o rebanho de ovelhas pertencentes a seus pais.

E tomaram o rumo da Cova da Iria.

Eram êles Lúcia Santos nascida a 22 de Março de 1907, Francisco Marto que nascera a 11 de Junho de 1908 e Jacinta sua Irmã que era de 11 de Março de 1910.

A Primavera afagava exuberantemente a terra portuguesa naquele domingo azul e doirado, calmo e esplendente.

A graciosa província da Estremadura vestia as galas incomparáveis das flores campestres e a atmosfera cheirava a sol.

Os pequenos foram andando... Já em plena propriedade do pai de Lúcia sentaram-se para comer o almocinho que levavam: pão de centeio, azeitonas e queijo.

Resaram o terço ao pé duma oliveira semeada pelo dono daquelas terras...

O povo nunca deixou de resar.

E era quási meio dia quando principiaram as brincadeiras inocentissimas das três florsinhas rústicas.

Construções indecisas e minúsculas feitas de tudo como os ninhos das aves.

Inesperadamente, surgiu um relâmpago.

A-pesar-de não descobrirem núvens no céu, os pequenos por iniciativa de Lúcia propuseram-se escapar a uma possível trovoada, tratando de reünir o gado e dispondo-se para a volta.

Segundo relâmpago brilhou no espaço quando desciam já o outeiro pelo lado direito.

Chegavam a meio da descida, e, muito perto duma carrasqueirinha, terceiro relâmpago os estarreceu.

E' que, sôbre a árvore apresentava-se agora a visão sublime em que a princípio não podiam sequer acreditar.

Nem compreendiam. Então o susto foi tamanho que iam deitar a fugir...

— «Não tenham mêdo que não vos faço mal».

Eis as palavras que os deslumbraram pela meiga voz que os susteve.

Era tanta a luz, tanta a luz a envolver a aparição, a envolvê-los a todos, a envolver tudo...

«De onde vem vossemecê? — *preguntou Lúcia mais afoita. Nossa Senhora apontou para o Céu.*

Estavam iniciados aqueles colóquios de que apenas nos é dado conhecer pequenissimas partes.

Recolhamo-las pois religiosamente, como se fôssem as migalhas da mesa do rico, — único alimento do pobre Lázaro!

JUNHO

A-pesar-da combinação que as crianças haviam feito entre si de guardar absoluto silêncio sôbre a maravilha da primeira aparição, tudo se soube, pois a Jacinta não podia conter a sua exclamaçãozinha constante.

— «Ai que Senhora tão bonita!...»

A beleza divina quando se nos revela não cabe em nós. Temos de a repartir.

E' essa generosidade alheia aos perigos e às conseqüências que porventura sobreviessem — o traço mais enternecedor da santidade de Jacinta.

A notícia correu de casa em casa, de povoado em povoado, levando a luz e a esperança a cada coração adormecido ou desalentado.

Mas a festa de Ourém a Santo António despertara ainda mais interêsse naquela altura, do que as aparições de Nossa Senhora em que mal se acreditava...

Pouca gente se resolveu pois a ir com os pequenos até à Cova da Iria, ver o que aquilo era...

Foi portanto nesse dia que Nossa Senhora revelou aquele segrêdo que mais nenhum de nós mereceu ainda conhecer. Nessa mesma ocasião pediu também Nossa Senhora, que rezando todos os dias o terço acrescentássemos a seguinte oração:

"O' meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno e aliviai as almas do purgatório, sobretudo as mais abandonadas,,.

JULHO

A despeito dos incrédulos, o alvoroço propagava-se. E muita gente aflita ou curiosa foi atrás dos pastorinhos em 13 de Julho à Cova da Iria.

Nossa Senhora não faltou mas apenas se mostrou aos três pequenos: Lúcia, Jacinta e Francisco.

E prometeu-lhes que no dia 13 de Outubro um grande milagre levaria todos a acreditar nas suas visitas a Portugal. De facto, meu Pai, o pintor José Leite, fixava em Paço d'Arcos, um formoso efeito marítimo, resistindo como era seu costume à chuva (e tantas vezes até à trovoada) viu parar sùbitamente a persistente chuvinha à hora indicada, e o sol girar esplendorosamente por algum tempo.

. . . .

Hoje, até os que sempre duvidaram começam a acreditar no que não tiveram olhos para ver.

AGOSTO

Desta vez apareceu Nossa Senhora em Valinhos, no dia 19, em lugar de 13, na Cova da Iria, como ficara entendido pelas crianças presas em Ourém por ordem do administrador do conselho que com a sua pretensa autoridade quis acabar com aquilo...

Maria Santissima doeu-se muito da violência usada para com os pequenitos que se viram assim privados de ir à Cova da Iria. E indicou a Lúcia o destino que devia dar às esmolas deixadas pelo povo no sítio das aparições: fariam construir uma capelinha para os que quisessem vir resar.

SETEMBRO

"Louvada seja a Virgem Nossa Mãe!... *exclamava a grande massa do povo que acorreu a Cova da Iria em 13 de Setembro.*

Nesta como em tôdas as demais aparições, apenas Lúcia falava com Nossa Senhora. Jacinta via-a e ouvia-a e Francisco só a via. Talvez porque o deslumbramento da visão fôsse tal, que lhe não permitisse tomar consciência do próprio êxtase. Nossa Senhora mandou que viessem sem falta a 13 de Outubro, prometendo-lhes trazer consigo S. José e o menino Jesus.

Os peregrinos que acompanharam os pastorinhos quási todos viram luminosissimo globo atravessando o Céu na direcção de nascence a poente, através duma nuvem de fumo sôbre a árvore sagrada pelos pés da Virgem. "Louvada e bendita seja Nossa Senhora!,, *Todos choravam olhando o céu esquecidos de rezar. As mais variadas frases de fé, saiam portanto dos lábios da multidão alvoroçada que espalhava flores e lágrimas sôbre a carrasqueirinha.*

OUTUBRO

Em Outubro Nossa Senhora revelou-se aos pastorinhos. "Sou a Senhora do Rosário,, *Depois o milagre solar produziu-se.*

E o povo português ajoelhou erguendo as mãos a Deus. A mãi de Jesus disse mais que a guerra ia acabar: Insistiu para que se levantasse uma Capelinha. E preguntou aos pastorinhos: "Quereis a oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos em acto de reparação pelos pecados com que é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?,,.

Se não tivermos a coragem e o heroismo de responder como Êles afirmativamente e de oferecer as nossas vidas em holocausto, ao menos não ofendamos mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido e meditemos na mais ingénua frase de Jacinta ao inteirar-se do quanto a indiferença das criaturas dói ao coração sacratíssimo de Jesus todo amor:

"Coitadinho de Nosso Senhor!,,

. . . .

Não esqueçamos que a maior ternura humana ou mística, é, — superior ainda á da melhor contrição, — aquela que puder ser igualada à pureza mais imaculada.

Bertha Leite

Pormenor dum vitral da igreja de N.ª Senhora de Fátima, por Almada Negreiros

PÁGINA DAS LUSITAS

por Maria Paula de Azevedo

Nossa Senhora é só uma

Personagens

CHICA	*10 anos*
TÓ	*7 »*
LENA	*8*
CARLINHOS	*5 »*
MARIA PEIXEIRA	*25 anos*

(Um quarto de estudo)

CHICA *(pensativa)* — Quando olho para o Carlinhos da Maria peixeira até me dá vontade de chorar!

TÓ *(rindo)* Mas olha que ele nunca chora, nem se queixa, nem está triste!

LENA — E' um rico, coitadinho!

CHICA — Não pode correr, não pode mexer os braços, não pode mesmo virar a cabeça para o lado!

TÓ — Para que é que êle há-de querer virar a cabeça, Chica? Assim, regala-se de estar deitado, e não tem de levantar-se a correr para ir para o colégio...

LENA — Mandriona! é o que tu querias, confessa.

CHICA — Malucas! Brincarem com uma coisa tão triste!

TÓ *(séria)* — Lá isso, é verdade, Chica... *(fazendo ginástica)* A gente poder mexer-se é bem bom! *(dá uma corrida e salta a pés juntos).*

CHICA *(sentando-se)* — E o que pudemos nós fazer para melhorar o Carlinhos?? *(pensa)*

LENA *(sentando-se no chão).* — Sò sei uma coisa: pedir a Nossa Senhora do Sameiro que o cure.

TÓ *(indignada)* — Do Sameiro?! Do Sameiro porquê?!!

LENA *(Zangada, levantando-se)* — Sim senhora: do Sameiro! Sei duma mulhersinha de Braga, da nossa quinta, que se curou em meia hora, fica sabendo. E tinha pedido a cura à Senhora do Sameiro.

CHICA *(levantando-se)* — A Nossa Senhora que faz mais milagres é a de Fátima; tôda a gente sabe isso.

TÓ *(espevitada)* — Pois minha rica, talvez não saibas o grande milagre que nos fez Nossa Senhora da Conceição no verão passado? A Mãi pode-te contar tudo! E é a Nossa Senhora da Conceição que *eu* vou pedir as melhoras do Carlinhos!

LENA — Pede lá à tua Nossa Senhora o que quiseres: *eu* só peço à Senhora do Sameiro!

CHICA *(triunfante)* — Eu vou rezar terços à Nossa Senhora de Fátima, que apareceu *ela própria* aos pastorinhos, o que não aconteceu com nenhuma das Nossas Senhoras de vocês! *(sai)*

TÓ, *baixo, a Lena.* — A tua não apareceu a ninguém?

LENA *(abanando a cabeça)* — Não sei bem a história; mas se apareceu foi há mais tempo que a da Chica.

TÓ *(confidencial)* — Olha, sabes o melhor? Cada uma de nós vai pedir e rezar à *sua* Nossa Senhora; logo se vê a que nos faz a vontade.

LENA — Não se vê nada, Tó! Quando o Carlinhos estiver bom, como é que sabemos quem o curou?

TÓ — *(cismática)* — E' verdade...

(Entra Maria-peixeira empurrando o tabuleiro de Carlinhos).

MARIA-PEIXEIRA — Aqui fica o menino emquanto eu vou à cozinha, sim, meninas? Santas alminhas... *(sai).*

(Entra Chica).

CHICA *(chegando-se ao doentinho)* — Já aqui estás, Carlinhos?

CARLINHOS *(Com voz fraca)* — Gosto tanto de vir p'ra aqui, menina!

LENA — Que amor que êle é, coitadinho!

TÓ — Sabes, Carlinhos? Cada uma de nós vai pedir a Nossa Senhora para te curar!

CARLINHOS *(pondo as mãos)* — Avé Maria, cheia de graça!

CHICA — Nossa Senhora de Fátima há-de-me ouvir!

TÓ — E a mim Nossa Senhora da Conceição!

LENA *(alto, erguendo os olhos)* — Nossa Senhora do Sameiro, cura o Carlinhos!

CARLINHOS *(sorrindo)* — Avé Maria, cheia de graça...

CHICA *(às outras, baixo)* — Ele não diz senão *Avé-Maria*, coitadinho, não sabe bem rezar...

Tó — Se a gente lhe explicasse??

MARIA-PEIXEIRA *(entrando)* — Cá estou eu outra vez, minhas santinhas.

LENA — Sabes, Maria? Vou rezar muito a Nossa Senhora do Sameiro para o Carlinhos se curar!

MARIA PEIXEIRA *(tirando um terço da algibeira)* — Olhem, minhas santas, trago o tercinho sempre comigo: a Santa Mãi de Jesus, a Virgem Maria Nossa Senhora, não quererá cuvir-me um dia?? *(beija o terço e guarda-o).*

CHICA *(murmurando)* — A Santa Mãi de Jesus...

TÓ — A Virgem Maria...

LENA — Nossa Senhora...

CHICA *(de repente, com fôrça)* — Meninas, somos umas burrinhas!

TÓ e LENA *(admiradas)* — Porquê, Chica?

MARIA-PEIXEIRA — Ai, que se faz tarde. Vou levar o meu rico filho...

CARLINHOS — Oh Mãi, deixe as meninas cantarem aqui aquela Avé Maria de que gosto tanto, sim?

CHICA, LENA, TÓ *(Chegando-se a êle)* — Sim, Carlinhos, sim!

MARIA-PEIXEIRA *(saindo)* — Cantem lá, meninas, já que têm essa bondade; eu volto já a buscá-lo.

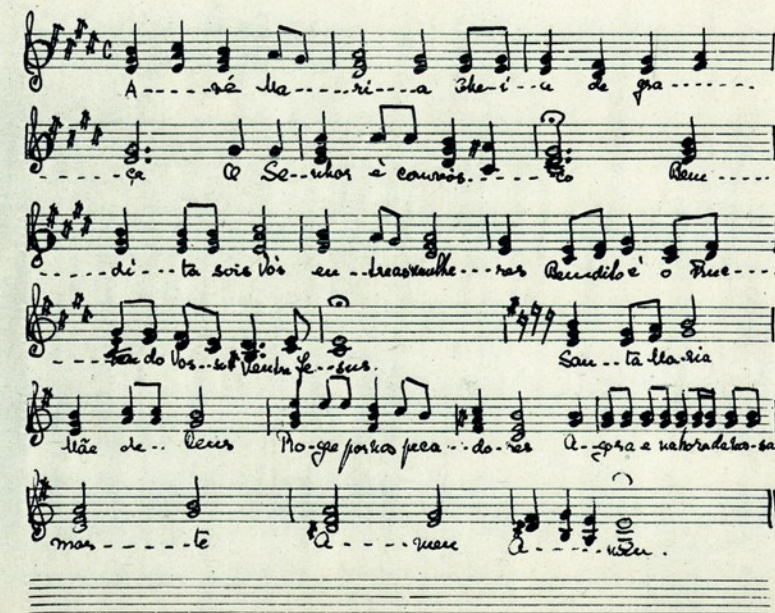
CHICA *(às outras)* — Nossa Senhora ***é uma só***, meninas! Assim como há retratos e imagens do Menino Jesus, há imagens e retratos de Nossa Senhora, percebem?

LENA *(contente)* — A do Sameiro...

TÓ *(idem)* — A da Conceição...

CHICA — A de Fatima, a de Lourdes, e tantas tantas mais! Mas Nossa Senhora a Santa Mãi de Deus, a Virgem Maria, é, ***uma só!***

CARLINHOS *(de mãos postas)* — Avé Maria...

(Cantam as três, de mãos postas, a Avé Maria, enquanto o pano cai devagarinho).

NOSSA SENHORA-RAÍNHA DO LAR

FAMÍLIAS cristãs e portuguesas celebrai jubilosas o ano que decorre. Maria, a Rainha dos Anjos, olha para os vossos lares com ternura e enlevo! Os vossos lares são pequeninos Nazarés; oásis de paz, de amor, de fidelidade à lei de Deus no meio de tanta ruína, de tanta loucura, que ameaçam destruir a base sagrada da sociedade, a célula da família.

Nossa Senhora, o lírio cândido que foi a filha amantíssima de Joaquim e de Ana, a violeta perfumada que enchia de consolação a alma de seu Virginal Esposo, a Rosa de beleza sem par que deu ao mundo o Botão Divino, Jesus, vela sôbre as famílias! E' a Rainha do lar.

Famílias portuguesas, vós perpetuais na nossa raça as virtudes austeras e tão nitidamente católicas dos nossos antepassados, e preparais no vosso seio, as gerações de varões ínclitos e de mulheres castas e fortes que serão o Portugal de ámanhã.

Ide, ainda mais fervorosamente, neste ano jubilar de Fátima, oferecer a Nossa Senhora, as homenagens do vosso amor.

— Que o terço, devoção da Santa Igreja e por isso mesmo devoção tão Portuguesa, suba até ao trono da Virgem, resado pelos corações unidos de Pais e de filhos.

O terço, sempre as mesmas palavras, dirão os indiferentes, mas responde-lhes Lacordaire: «o amor repete sempre o mesmo som e nunca se repete». A Virgem Santíssima é nossa Mãi, e como tôdas as mãis, ama o balbuciar infantil dos filhos.

Resemos-lhe pois, todos, o terço, êsse terço que Ela tanto recomendou aos pastorinhos inocentes de Fátima, êsse terço que gerações sucessivas de Portugueses têm recitado num preito ininterrupto de amor à Sua Celeste Padroeira; hino de louvores sagrados a Maria, Rainha do Rosário, cantado pelos corações gastos pela dôr dos velhinhos e pelos lábios inocentes das criancinhas; hino brotando das almas viris dos nossos pescadores assim como das almas sublimadas das nossas religiosas.

E o terço é não só oração vocal, mas meditação ao alcance de todos, trazendo à nossa mente o resumo da vida de Jesus e Maria, modêlo da nossa! Temos, nos mistérios gosos, o quadro das alegrias familiares; nos dolorosos, o espelho dos nossos dias de sofrimento; e nos gloriosos a esperança das felicidades do céu, onde já nos esperam tantos que foram do nosso sangue e lá no Seio de Deus continuam a ser nossos, muito nossos.

Outra devoção que se pode e deve fazer nas nossas casas, é o Mez de Maria! E é tão simples e tão linda esta homenagem à Virgem Santíssima! Pobres e ricos a podem fazer.

Mãos portuguesas, sabereis tôdas levantar um altarzinho a Nossa Senhora; mãos de mulheres da minha terra, tôdas vós, tão habilidosas, tão eximias em trabalhos femininos, tereis confeccionado e guardado nos vossos enxovais, a toalhinha alva, com renda mais ou menos rica, para cobrir uma mêsa ou uma cómoda; tôdas vós, erguereis nesse altar o trono de amor onde colocareis a imagem de Nossa Senhora, essa imagem que não falta em nenhum lar português e às vezes até se encontra, como última relíquia da fé antiga, em casas onde se esqueceu a lei de Deus.

Mocidade feminina, que sois a alegria da família, filhas, irmãs e noivas, a vós pertence, duma maneira especial, a ornamentação dêsse altar!

O Mez de Maio, é também o símbolo da vossa juventude; mez da primavera, das flores, do sol puro e belo, mez de Maria, a Virgem sempre jovem e sempre formosa.

Cercai-A de velas, muitas velas, para que a Sua Doce Imagem sobresaia aos olhos de todos que rodeiam o Seu altar; enchei-A de flores, muitas flores, sejam elas humildes florinhas do campo, ou produtos mais ricos dos nossos jardins!

Quem de vós não gosta de flores? Tôdas têm um encanto especial e revelam a perfeição infinita do Artista Divino.

Despojai os campos e os jardins de Portugal, êste ano mais do que nunca, para agradar Aquela Flor Celestial que desceu sôbre a azinheira de Fátima. Elas serão o símbolo das vossas virtudes, das flores da alma que se alteiam belas, puras, singelas, e têm mais aroma e são mais vivas do que «as pobres flôres no jardim cativas», como escreveu um dos nossos poetas.

Mocidade Feminina Portuguesa, almas sempre generosas e entusiastas, esposas e mãis de amanhã que amais a Deus, a Pátria, a Família, a vós o doce encargo de embelezar êste Mez de Maria, escolhendo as mais lindas orações e os cânticos mais harmoniosos no riquíssimo folclore Mariano da nossa tão bela língua.

Não esqueçais, porém, vós, a juventude feliz vivendo em paz miraculosa na terra de St.ª Maria, que deveis implorar o fim breve e completo do flagelo que destroi a mocidade das vossas irmãs, em países em guerra.

V. P.

Alba plena. — Escultura por Anjos Teixeira (filho) — Exposição Mariana

(Cliché Fernando Pozal)